

Fundos Solidários



Tecendo redes, entrelaçando vidas

1ª Edição - Ceará - 2016

Expediente

Revista: Fundos Solidários - tecendo redes, entrelaçando vidas / 1ª Edição - CEARÁ - 2016

Realização:

Fundação Grupo Esquel Brasil
SCS Qd. 01 – Bl. “I” – Ed. Central
– 13º andar – Sl. 1.301, 1302 e 1.307;
CEP 70304-900 – Brasília /
DF; Tel: (61) 3322-2062
Fax: (61) 3322-1063.
www.esquel.org.br
www.vencerjuntos.org.br

Diretor-Presidente: Silvio Rocha Sant’Ana

Superintendente:

Sílvia Alcântara Picchioni

Convênios:

Ministério do Trabalho/Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES n°. 748343/2010 e n° 791562/2013

Projeto de Apoio às Finanças Solidárias com Base na Organização de Fundos Solidários/Região Nordeste

Responsável Técnica/

Coordenação Geral do Projeto Vencer Juntos: Barbara Schmidt Rahmer

Coordenação do Projeto Fundos Solidários do Nordeste: Cristina Rocha Gusmão

Jornalista Resp.: Danilo Castro

Colaboração nos textos e

produção da Revista: Cristina Rocha Gusmão

Direção de Arte: Moema Braga

Revisão Textual: Lília Costa

Produção Gráfica: Luiz Bernardo

Fotografia: Márcio Donizeti Otávio

Ilustrações: Audifax Rios

Arte Final: Marcelino Júnior

Edição: Lamparina Comunicação Gráfica Ltda.

Índice

03 Apresentação

04 Carta dos Fundos Solidários do Ceará

07 Fundos Solidários no Ceará - uma história de parcerias

12 Economia Solidária para Transformar: Conheça a Aprovej

17 BUDEGAMA - porque bodega é coisa de mulher

22 Trabalho e Saúde: Tem disso tudo na Feira Agroecológica e Solidária de Itapipoca.

27 Os voos altos de Urubu





APRESENTAÇÃO

“Um homem pode esquecer em dois anos o que levou vinte para aprender.”

Rabi Nathan Textos Judaicos

Não basta viver a experiência. É preciso contá-la aos convivas para que se cumpra o destino de encantar outras aldeias com as boas novas. Nossa revista (ou as edições), Fundos Rotativos Solidários, Tecendo redes entrelaçando vidas, chega às suas mãos para compartilhar a riqueza de um tipo de experiência coletiva bem sucedida que, se não é totalmente original porque é também resgate de práticas ancestrais, é inovadora por realizar cooperativamente caminhos para o desenvolvimento sustentável.

Nos últimos 40 anos, os Fundos Solidários (FS) - também chamados de Fundos Rotativos Solidários (FRS)-, proporcionaram experiências que merecem entrar para a história dos esforços humanos pela erradicação das desigualdades sociais, pois testemunham a viabilidade de soluções comunitárias pen-

sadas, decididas e executadas democraticamente, e com o apoio de parcerias institucionais comprometidas com a inclusão produtiva de trabalhadores(as) rurais e urbanos(as) que continuam sem as devidas oportunidades de levar uma vida digna a partir do próprio trabalho.

Quem viveu experiências associativas sabe o quanto é difícil fazer junto, sobretudo, fazer para atingir os resultados almejados. Mas sabe, também, da alegria que é colher junto os frutos e desejar continuar junto, aperfeiçoando um projeto comum. Cumprir o combinado é um dos segredos das experiências exitosas de economia solidária aqui relatadas. Observar criticamente os processos, também compõe o ritual desse fazer junto. Mesmo os que não viveram ainda alguma experiência associativa, poderão perceber nos resultados aqui divulgados a diferença que faz a solidariedade.

Assim, decidimos avançar por um caminho que nos permitisse, ao mesmo tempo, re-

gistrar e avaliar essa trajetória, divulgando nesta publicação os dados mensuráveis dessas experiências, tanto para seus próprios atores quanto para novos partícipes. Entre os objetivos do Projeto Mapeamentos dos Fundos Solidários - inscrito num projeto maior de apoio às finanças solidárias com base na organização de fundos solidários - destacamos dois: o fortalecimento desse tipo de organização e o subsídio para a definição de políticas públicas que fortaleçam essas iniciativas.

O Mapeamento aqui apresentado foi executado pela Fundação Grupo Esquel Brasil em parceria com as principais redes de entidades que trabalham com Fundos Solidários na Região Nordeste, entre elas: Cáritas Regionais/Diocesanas; Fóruns de Economia Solidária; Fóruns de Segurança Alimentar; ASA - Articulação do Semiárido Brasileiro.

Vivemos, podemos contar.

Trabalhamos agora para aperfeiçoar e multiplicar essa vivência.



CARTA DOS FUNDOS SOLIDÁRIOS DO CEARÁ

Vivemos hoje um momento histórico da trajetória de organização dos Fundos Solidários (FS) no Ceará, no Nordeste, bem como nas demais regiões do país. Uma conquista que foi possível a partir do movimento de economia solidária no Brasil, graças ao trabalho desenvolvido pela Fundação Grupo Esquel Brasil em parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por meio da Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES. Graças, ainda, à Cáritas Brasileira, articuladora nacional, e ao Banco do Nordeste, que estimula, através do Programa de Apoio a Projetos Produtivos Solidários (PAPPS), o apoio aos Fundos Solidários na região do Semiárido Brasileiro.

Nós, homens e mulheres (povo engajado e persistente), participantes dos Fundos Solidários do Estado do Ceará, estivemos reunidos em Fortaleza/CE, nos dias 16 e 17 de outubro de 2012, no I Seminário Estadual sobre Fundos Solidários do Ceará, com o objetivo de socializar e refletir sobre os dados e informações coletados no Mapeamento de Fundos Solidários - realizado no período de abril de 2011 a agosto de 2012.

No Ceará, foram identificadas e sistematizadas 60 (sessenta) práticas de FS, que beneficiaram 2.838 participantes de empreendimentos solidários, urbanos e rurais. Neste evento, debatemos e reafirmamos esses resultados alcançados, e os principais desafios a serem enfrentados pelas iniciativas, pelas Entidades Fomentadoras e os Gestores Públicos que atuam neste campo.

Diante do histórico dos Fundos Solidários no Ceará e dos dados mapeados, destacamos duas características relevantes do perfil desses participantes e das experiências fundadas no protagonismo de mulheres e jovens: a forte presença de produtores(as) rurais organizados(as); e o fortalecimento das entidades locais e da organização comunitária.

Identificamos também uma maior presença das experiências rurais agroecológicas, possibilitando às comunidades de baixa renda desenvolver coletivamente diferentes atividades produtivas, que vão desde o melhoramento da infraestrutura produtiva e comunitária às redes de produção e comercialização da agroecologia e da economia solidária. Dessa forma,





demonstramos que é possível, sim, gerar renda, transformar a realidade das famílias do campo e da cidade e construir uma nova economia de base popular e solidária.

O diagnóstico, realizado nesse Mapeamento dos Fundos Solidários do Nordeste, possibilitou também a percepção dos seguintes problemas/desafios: poucos recursos para apoiar as atividades de produção e comercialização; políticas públicas inexistentes ou insuficientes em todos os níveis (federal, estadual e municipal); carência de assistência técnica contextualizada e sistemática; necessidade de ampliar a formação para os empreendimentos solidários; pouco conhecimento/valorização da sociedade sobre a produção solidária e agroecológica; ausência de organização de redes de Fundos Solidários; pouca integração entre os segmentos das Finanças Solidárias; pouca visibilidade das experiências de Fundos Solidários; e a falta de um marco regulatório.

O Mapeamento revelou ainda que: a vivência da pesquisa-ação reforçou conquistas e as riquezas das experiências comunitárias, municipais, territoriais e regionais, algumas já articuladas em redes de comercialização e produção, à exemplo da Rede de Intercâmbio de Sementes, experiência pioneira de Fundos Solidários no Ceará.

Sabemos que são muitas as dificuldades, porém maior é a nossa persistência, nosso desejo em fortalecer cada vez mais as diversas iniciativas organizativas e produtivas de caráter associativo, cooperativo e comunitário, que promovam o desenvolvimento territorial sustentável e solidário.

A partir desse Seminário e do Mapeamento, adquirimos subsídios para traçar as estratégias de superação de problemas, renovando os compromissos de parceria entre os representantes dos Fundos Solidários, as entidades de apoio/fomento e os gestores públicos, nos seguintes propósitos:

Propostas dos Fundos Solidários - fortalecer a produção agroecológica; divulgar as iniciativas existentes de forma criativa, ampliando a comercialização; trabalhar a gestão participativa; definir subsídio (ajudas de custo) às pessoas responsáveis pela coordenação executiva dos grupos; fortalecimento constante dos grupos;

Propostas das Entidades de Apoio/Fomento - criar articulações da Rede Cearense de Socioeconomia Solidária (RCSES) nas microrregiões, integradas à estadual; criar fórum online para fortalecer as relações e comunicações entre os grupos/empreendimentos solidários e entidades; prever nos projetos os necessários para viabilizar a estruturação da articulação da RCSES nas micro-regiões; continuar animando e fomentando os Fundos Solidários;

Propostas dos Gestores Públicos (SDE, SDA, STDS, CONAB, BNB) - apoiar a produção e comercialização dos empreendimentos solidários rurais e urbanos por meio de alguns programas e projetos já em andamento, com reforço à formação, infraestrutura produtiva e microcrédito.

Munidos com as informações geradas pelo Mapeamento pretendemos incidir nas políticas públicas de apoio às Finanças Solidárias, demonstrando pelo resultado desse processo de arti-

culação e mobilização conjunta entre diversas organizações coletivas (redes de instituições da sociedade civil, governo, grupos e comunidades), força e pertinência do movimento de Economia Solidária, por proporcionar às centenas de trabalhadores e trabalhadoras rurais e urbanos as oportunidades de uma vida digna, fruto de seu próprio trabalho.

A realização deste Seminário balizou, portanto, a nossa

atuação de forma a consolidar todas as nossas propostas, promovendo o desenvolvimento territorial solidário e sustentável. Com esses subsídios aqui discutidos e aprovados, fortaleceremos nossas lutas e bandeiras, a partir da nossa realidade no Ceará/Nordeste, com ênfase na cooperação, autogestão e solidariedade!

Fortaleza, 17 de Outubro de 2012





FUNDOS SOLIDÁRIOS NO CEARÁ

Uma história de parcerias

A história dos Fundos Solidários no Ceará está poeticamente associada ao cuidado com as sementes, em especial, as sementes crioulas, também conhecidas como sementes da esperança. Estocar sementes para o plantio no inverno e preservar esses cultivares, naturalmente adaptados - livres da manipulação genética da agricultura industrial -, passa a ser o caminho encontrado por algumas comunidades para enfrentar as adversidades da Seca, naqueles anos da década de 70, período de ditadura militar no Brasil. Os primeiros Bancos e Casas de Sementes brotaram dessa experiência comunitária inicial, espalhando-se, principalmente, pela região dos Inhamuns.

Criados a partir dos anos 80, para apoiar projetos coletivos - e nunca individuais -, os Fundos surgem

associados ao conceito de rotatividade (Fundo Rotativo), pela necessidade dos recursos disponíveis retornarem para servir a diferentes grupos. As práticas de gestão desses FS resgatam laços de cumplicidade e respeito originários de culturas ancestrais, baseadas na partilha e na coletividade.

Essa economia rotativa e solidária só pode existir porque os aspectos organizativos e políticos são construídos democraticamente, abraçando as reivindicações por direitos humanos e sociais, visando o fortalecimento da autonomia desses grupos.

A inovação e a persistência dos protagonistas desse novo jeito de trabalhar vão, então, atraindo o apoio financeiro e técnico-metodológico de diversas instituições. Em âmbito nacional, a Cáritas

aparece sempre como parceira de primeira hora. Em nível estadual, a Obra Kolping, o Centro de Estudos, a Articulação e Referência sobre Assentamentos Humanos (Cearah Periferia) e as Pastorais Sociais têm participação decisiva no processo constitutivo dos Fundos. Essas experiências iniciais sensibilizam também entidades internacionais e o apoio da Agência Alemã de Cooperação Técnica (GTZ) e do Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (DED) não tardam em chegar, captando recursos junto à União Europeia para, em parceria ainda com os sindicatos de trabalhadores rurais (STTRs), desenvolver e executar projetos de convivência com o semiárido.

Outro aspecto a ser considerado nessa trajetória é o surgimento de práticas de agricultura e de organização comunitárias, muitas delas resultantes da luta pela conquista da terra. Anos depois, essas experiências no campo transformam-se no Fundo de Apoio a Projetos de Auto Gestão (FAPAG), promovido por entidades não governamentais.

Essa conjugação de esforços estende-se também para a área urbana, realizando projetos destinados à organização comunitária para a conquista de habitação, trabalho e renda. A partir das experiências do Fórum DED, criado no final dos anos 90, nasce a Rede Cearense de Socioeconomia Solidária, para a qual contribuem ainda hoje, entre outras entidades, o Banco Palmas, a Cáritas, a Obra Kolping, o Instituto Florestan Fernandes e o Templo da Poesia.

Ainda na década de 80, alguns desses projetos são admitidos pelo poder público em iniciativas como: as hortas comunitárias, na gestão da prefeita Maria Luiza, em Fortaleza; e as Casas de Farinha, fomentadas por programas do governo federal. Posteriormente, mais de 20 anos após essas primeiras iniciativas, no governo de Lúcio

Alcântara, surge o Fórum de Microfinanças, intermediado pela Fundação de Desenvolvimento Solidário (FUNDESOL) - de vida breve, dada a visão de mercado, aderente ao sistema capitalista.

A expansão dessa economia torna-se o objetivo central dessas parcerias. A Pastoral da Criança, por exemplo, começa a capacitar agentes para trabalhar a metodologia de organização dos Fundos Solidários. Em 1996, a FUNDESOL e o CRED-SOL implementam alternativas de créditos solidários para os grupos/famílias mais pobres da periferia de Fortaleza, no bairro Bom Jardim. Em 1997, iniciam-se os trabalhos com as Casas de Sementes no município de Massapê. Nesse mesmo ano, surge o Programa Casa Melhor – desenhado pelo Cearah Periferia e somente incorporado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, na gestão de Luiziane Lins, em 2004, ampliando a visão de habitação e fortalecendo a organização comunitária como prerrogativa das conquistas de moradia.

Nos anos seguintes, vemos as experiências de Fundos Solidários reproduzindo-se em várias localidades. Outras Dioceses passam a organizar fundos comunitários e mais 13 comunidades animadas pela Pastoral da Criança e a Cáritas são beneficiadas, destacadamente em Limoeiro do Norte. No âmbito governamental, o presidente Lula, em 2003, decide dar incentivo às experiências que antes eram financiadas exclusivamente pela cooperação internacional. Posteriormente, em 2007/2008, com o edital do Programa de Apoio a Projetos Produtivos Solidários (PAPPS), do Banco do Nordeste e da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), inúmeras iniciativas demonstram ter havido maior aprofundamento e visibilidade da experiência dos Fundos, dada a diversificação de iniciativas:

- Casas de Sementes; Construções de Cisternas; Organização de Bo-degas;
- Cooperativas de Crédito, apoiadas pela Agencia de Desenvolvimento Solidário da Central Única dos Trabalhadores (CUT), nas regiões do Cariri, Várzea Alegre, Jaguaratama (Assentamento Serrote Branco);
- Projeto Galinha dos Ovos de Ouro, realizado pela Associação Raízes Cultural de Altaneira;
- Projetos da Visão Mundial, realizados com os Fundos Solidários até 2009;
- Fundo Solidário da Economia do Negro, criado em 2010 com o apoio da Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (COPPIR) e do Banco do Nordeste;
- Feiras animadas pela Diocese de Itapipoca, a partir do Fundo Rotativo Agroecológico desenvolvido pelo Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalho (CETRA), realizadas com recursos do BNB, fomentando a produção agroecológica no Vale do Curu e Aracatiaçu.

Mapeamento - hora de avaliar resultados e impactos

Após décadas, vivenciando as possibilidades dessa nova economia, surge a proposta de mapear os fundos solidários do Nordeste para atender a necessidade de autoavaliação e de visibilidade dos resultados efetivos, gerados tanto na vida particular das famílias atendidas quanto na cultura de solidariedade de um modo mais amplo. Iniciado em março de 2011, o diagnóstico dessas experiências cumpre também o objetivo de estimular políticas públicas comprometidas com o desenvolvimento sustentável.

Para a realização desse projeto, as entidades coordenadoras do Mapeamento nesta primeira fase são:

Fundação Grupo Esquel Brasil, em parceria com as demais entidades que atuam com Fundos Solidários no Ceará; Associação dos Projetos de Geração de Renda Vencer Juntos (APROVEJ); Cáritas Brasileira Regional/CE; Obra Kolping; CETRA; Cearah Periferia; Rede Cearense de Socioeconomia Solidária e Banco do Nordeste. Contou-se, ainda, com o suporte político/logístico das entidades cujas experiências estão sendo relatadas.

A primeira ação do Mapeamento é a de realizar uma pré-identificação das experiências para, em seguida, mobilizar seus representantes e ouvi-los, atualizando dados e informações. Participam das entrevistas os membros de Fundos Solidários, representantes de empreendimentos e líderes das comunidades beneficiadas com algum tipo de financiamento. A maioria das visitas é realizada por um agente estadual do Mapeamento, indicado pela coordenação.

No Ceará, aproximadamente 80 experiências são identificadas como usuárias de Fundos Solidários, das quais 59 estão aqui sistematizadas. Todas essas experiências estão sediadas em 23 e atendem 117 municípios, nas seguintes regiões: Zona norte: 10; Vales do Curu e Aracatiaçu: 14; Região Metropolitana de Fortaleza: 09; Sertão Central: 02; Vale do Jaguaribe: 05; Região dos Inhamuns: 08; Região Centro Sul: 03; e Cariri: 05.

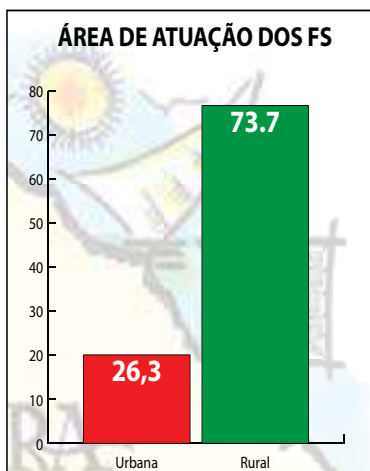
Algumas especificidades dos territórios mapeados:

- Organização forte de Fundos Rotativos Comunitários (14) na região de Itapipoca;
- Fortaleza é o município com o maior número de Fundos Solidários (09) no Brasil, sendo a única capital com essa concentração, dado que a coloca num importante papel de referência na questão de composição/metodologias

e processos pedagógicos para fundos urbanos;

- Organização maior da RIS (Rede de intercâmbio de Sementes) (20) na região de Sobral;
- Experiências agregadas, a exemplo da criação de caprinos na região dos Inhamuns e Cariri;
- Fortalecimento dos trabalhos coletivos entre diferentes organizações no Vale do Jaguaribe;
- Fortalecimento/ampliação da inserção dos grupos/comunidades em determinadas políticas públicas (Ex: Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE));
- Organização da produção e comercialização agroecológicas na região de Itapipoca;
- Atendimento ao público excluído de outros programas de inclusão produtiva/financeira, em todos os territórios citados.

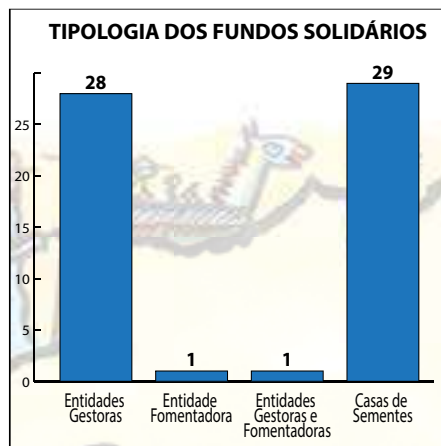
A expressiva presença de Fundos Solidários na área rural demonstra a necessidade que as famílias agricultoras tem de viabilizar a produção para subsistência e a comercialização do excedente, fatores esses que impactam em outras necessidades básicas, produzindo novas demandas sociais (saúde, educação, transporte).



Tipologia dos Fundos Solidários

O Mapeamento dos Fundos Solidários adota as seguintes tipologias: Entidades Gestoras de Fundos Solidários - aquelas que realizam diretamente a gestão dos recursos, dos produtos, dos animais e/ou dos serviços; Entidades Fomentadoras - aquelas que fomentam a ação dos Fundos Solidários por meio das opções de formação, acompanhamento e disponibilização dos recursos necessários; Entidades Fomentadoras / Gestoras - realizam os dois papéis de forma concomitante, e Casas de Semente.

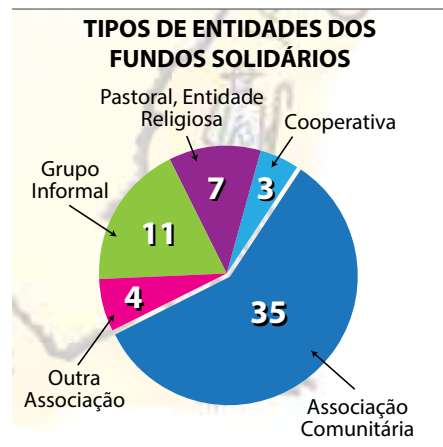
O Ceará é um dos estados com maior concentração de experiências, tanto na própria região nordeste quanto em nível nacional. Esses dados podem ser relacionados com o protagonismo da região, visto que as tipologias de Fundos Solidários que mais se sobressaem aqui são as de Entidades Gestoras e Casas de Sementes.



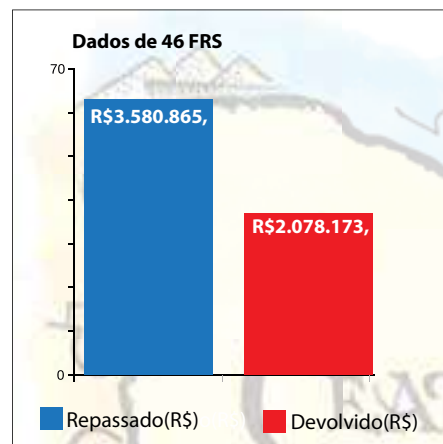
Tipos de entidades que participam dos Fundos Solidários no Ceará

O estado do Ceará se caracteriza pela convivência de várias modalidades de abrangência de Fundos Solidários, que variam entre as esferas estadual e local/comunitária. Observa-se também um grande número de Associações Comunitárias (35) que possuem Fundos Solidários. Nos relatos, esses dados são

frequentemente atribuídos ao fato de os Fundos cumprirem o papel de fortalecer mecanismos autogestionários e de ampliar a participação de seus sócios no conjunto das atividades.



Em decorrência dessa participação ativa, na hora que alguém precisa acessar algum recurso, monetário ou não, pode fazê-lo sem burocracia, com base nas relações de confiança e de partilha construídas ao longo do processo. O Mapeamento cearense apresenta ainda referências à qualidade dos serviços prestados, pois os recursos podem ser empregados na qualificação técnica, assegurando a melhoria no atendimento às demandas de seus participantes.



Existe uma diversidade de modelos de devolução dos recursos recebidos que cada FS adota, conforme as condições específicas da experiência: integrais, parciais, acrescidas

de algum tipo de rendimento e devoluções com prazos de carência diferenciados. Essas possibilidades garantem um grau satisfatório de devoluções, assegurando sua viabilidade econômica e social.

Principais atividades desenvolvidas pelos Fundos Solidários no CE

- **Infraestrutura:** construção de cisternas, cercas, casas de sementes, casas de mel e farinha; reforma e/ou ampliação de moradias (teto, calçadas, banheiro); construção/melhoramento de aprisco para os animais, de aviários e de pocilgas; galpões para máquinas agrícolas; melhoria nos quintais/estruturação (tela); recuperação das estradas de acesso às comunidades; construção de tanques de pedra, escavação de poços, reservatórios para água de irrigação e piscicultura.
- **Agricultura Familiar:** criação de animais (caprinocultura, avicultura, bovinocultura, apicultura, criação de peixe); repasse de sementes crioulas, fruticultura, produção de hortaliças, legumes, plantio de palma forrageira, mandioca, produção de grãos (feijão, milho); produção de silagem.
- **Beneficiamento:** produção de polpas, licores, compotas, tapioca; beneficiamento de leite e grãos; produção de pães, cajuína, doces de frutas variados, mel de abelha, mel de caju.
- **Artesanato:** produção de itens em couro, rendas, bordados; pinturas; peças de barro; artesanato em palha e madeira; confecção de bonecas e roupas; produção de fitoterápicos, de sabão e de sabonetes.
- **Outras Atividades:** empréstimos diretos às famílias para as necessidades urgentes; apoio na área

de saúde, transporte/deslocamento para atividades fora da comunidade; alimentação nas reuniões das comunidades.

Principais fontes de recursos dos Fundos Solidários

Os recursos para constituição dos FS possuem fontes variadas. A maioria capta recursos dos próprios participantes (financeiros e não financeiros). Muitos recebem doações de organizações não governamentais locais que, por sua vez, captam recursos da cooperação internacional. Há também a celebração de convênios com entidades governamentais e outras fontes que advêm de doações de igrejas, de empresas e do Banco do Nordeste, por meio do Programa de Apoio a Projetos Produtivos Solidários

Cooperação internacional - Outras	R\$88 mil
SEBRAE	R\$4 mil
Outras ONGs	R\$4 mil
Outras empresas/doações privadas	R\$10,76 mil
Campanha Fraternidade/Fundo Diocesano	R\$114,23 mil
Misereor	R\$137,8 mil
Banco do Nordeste	R\$115 mil
Fundo Nacional da Solidariedade	R\$25,97 mil
Cártias	R\$4 mil
Projeto Vencer Juntos	R\$22,09 mil
Contribuição sementes dos participantes	R\$14,13 mil
Contribuição dos participantes	R\$187,44 mil

Total geral das fontes em 2010: R\$ 727.446,11.

Os desafios da gestão

Não existe um modelo único de gestão dos FS. Cada experiência define seus próprios critérios e formas de funcionamento, adaptando-se à realidade em que estão inseridos. No entanto, alguns elementos são comuns:

- a composição de uma comis-

são gestora, composta em média por três pessoas, sendo um(a) secretário(a), um(a) tesoureiro(a) e um(a) coordenador/articulador(a);

- o trabalho de gestão é voluntário;
- a presença de instrumentos de controle financeiro das movimentações (livro ata, registro das entradas e saídas das contribuições dos participantes, regimento interno);
- os prazos de carência, quando existentes, são definidos coletivamente, utilizando como critérios os tipos de atividades a serem financiadas.

Busca-se, assim, garantir que a gestão seja a mais participativa, democrática e transparente possível. A relação de confiança entre os participantes está ancorada não só nos laços afetivos, mas também no acesso às informações da movimentação do Fundo, compartilhando-se os resultados positivos e negativos alcançados por cada membro e criando um sentido de corresponsabilidade com o bem que é de todos (as).

No Ceará, os relatos atestam que as fragilidades na gestão dos Fundos ocorrem principalmente nos registros financeiros, pois são realizados ainda de forma pouco organizada. Os arquivos também são precários, ocorrendo extravio de documentos, principalmente, quando há mudanças na comissão gestora. Outro dado que merece atenção é a dificuldade de alteração de lideranças para ajudar na gestão dos Fundos. Geralmente, são as mesmas pessoas que exercem essa função por tempo indeterminado, pela indisponibilidade dos demais membros para assumirem essa tarefa.

A despeito de todas as dificuldades, são as práticas efetivas de autogestão que fortalecem os grupos e sustentam as atividades inovadoras, à exemplo do que ocorre na agricultura familiar agro-

ecológica, experiência na qual as relações de convivência respeitosa entre as pessoas e o meio ambiente vão construindo modelos de desenvolvimento sustentável. Essas experiências autogestionárias constituem-se assim em autênticos espaços de valorização da associação entre o saber popular e o saber científico para a produção contínua do conhecimento.

Redes de FS presentes no estado

As entidades participantes de Fundos Solidários no Ceará, até o momento da realização do Mapeamento, são: Rede Cáritas; Rede Bodegas; Rede Vencer Juntos; Centro de Formação em Economia Solidária do Nordeste (CFES-NE); Cearah Periferia; Rede Cearense de Socioeconomia Solidária; Fórum da Economia do Negro; Escritório de Planejamento e Assessoria Rural (Esplar) e Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalho (CETRA)

Necessidade anual de recursos

As três entidades de apoio e fomento entrevistadas estimam em R\$ 450.000,00 a necessidade anual de recursos para dar continuidade ao trabalho com os FS no Ceará. É bem provável, entretanto, que a necessidade total de recursos nos 60 FS mapeados seja bem maior, aproximando-se do valor efetivamente aplicado em 2010 (mais de R\$700.000,00).

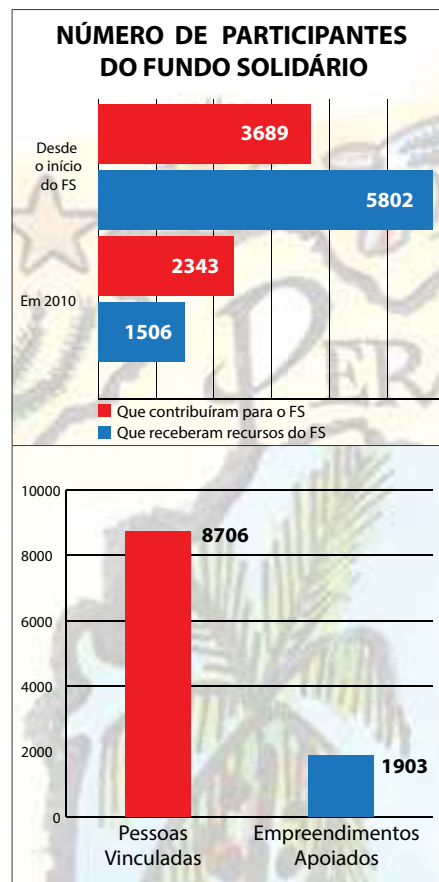
Perfil dos participantes

O perfil dos participantes dos Fundos Solidários no estado do Ceará segue em consonância com os demais estados da região nordeste. A maioria absoluta é composta por agricultores que possuem renda de até um salário mínimo, têm idade entre 19 a 59 anos e o ensino fundamental concluído.

O Mapeamento evidencia, assim, que os Fundos Solidários atendem às populações mais excluídas e, portanto, aos segmentos mais vulneráveis

presentes nas comunidades de acampados, catadores, indígenas, ribeirinhos e remanescentes de quilombos. Uma presença que vai muito além do repasse de recursos, pois fortalece a participação e a autonomia de mulheres e jovens e estimula a consciência organizativa dos grupos, avançando a capacidade dessas comunidades de reivindicar e propor políticas públicas pertinentes.

Empreendimentos apoiados/pessoas vinculadas desde o início dos FS



Os Fundos Solidários têm se revelado como autênticos espaços de geração de saberes e riquezas. Por isso são reconhecidos por seus integrantes como patrimônio das comunidades, com legitimidade para difundir os resultados dessas experiências, ampliar as discussões sobre o tema e propor atuações institucionais.

Há uma compreensão compartilhada entre seus integrantes de que

as ações de governo, voltadas para o financiamento da economia popular e solidária, baseadas exclusivamente na expansão do atual sistema financeiro, são insuficientes para promover a cidadania para aqueles que se situam fora da dinâmica convencional de mercado. A legislação que rege a transferência e o repasse de recursos orçamentários para Fundos Solidários têm limitações e entraves que precisam ser revistos. Construir, democraticamente, um marco legal/regulatório que atenda aos objetivos dessa economia solidária é necessário e possível.

Essa rica trajetória dos Fundos Solidários, com experiências espalhadas por todo o Nordeste brasileiro, do semiárido ao litoral, gestando novas maneiras de enfrentar as desigualdades econômicas e as injustiças sociais, permite apontar aqui algumas sugestões, para o avanço de Políticas Públicas que:

- sejam construídas a partir do acúmulo das experiências e práticas de Fundos Solidários já existentes, em suas mais diferentes formas de manifestação;
- promovam o protagonismo e o fortalecimento da cidadania de sujeitos coletivos, garantindo a participação nos espaços de decisão e controle social;
- possibilitem a integração com as demais políticas e a articulação entre os três níveis de Estado (federal, estadual e municipal);
- incorporem a concepção de Desenvolvimento Sustentável - econômico, social, cultural, ambiental e político;
- disponibilizem fontes de recursos diversificadas, asseguradas em orçamento e fundos não retornáveis ao financiador;
- reconheçam que os Fundos Rotativos são experiências de solidariedade que dinamizam a economia, com resultados efetivos na qualidade de vida de seus participantes e da sociedade como um todo.



Economia Solidária para Todos

Conheça a Aprovej

Há dez anos, o Projeto Vencer Juntos vem articulando grupos solidários de geração de renda no interior de sete estados do Nordeste, em parceria com a Pastoral da Criança e a Fundação Grupo Esquel Brasil. Seu objetivo primordial é promover oportunidades de trabalho para famílias por meio do fomento de Fundos Rotativos Solidários.

O Projeto está espalhado nas seguintes regiões: Senhor do Bonfim e Teixeira de Freitas (BA); Limoeiro do Norte (CE); Bacabal e Coroatá (MA); Montes Claros e Janaúba (MG); Patos e Guarabira (PB); Parnaíba (PI) e Pesqueira (PE). Cada área é referente a uma Diocese, unidade administrativa da Igreja Católica que reúne entre 12 a 25 municípios.

O Vencer Juntos, até 2013, apoia mais de 700 empreendimentos da Economia Solidária, presentes em 120 municípios do interior desses sete estados, beneficiando mais de 3.400 famílias de baixa renda.

No Ceará, a experiência de trabalho com Fundos Solidários faz da Pastoral da Criança de Limoeiro do Norte uma das primeiras a implantar o Projeto Vencer Juntos e, a partir dela, os primeiros grupos produtivos vão sendo mobilizados. Nessa experiência pioneira, a Pastoral, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) e o SEBRAE são os principais parceiros. Em 2008, a Fundação Grupo Esquel Brasil entra como

parceira e se mantém até hoje como um das principais entidades apoiadoras.

No início, os primeiros projetos apoiados são os de agricultura familiar e artesanato. Posteriormente, outras atividades são experimentadas, tais como: bodega comunitária, açougue e criação de animais. Os técnicos procuram identificar o potencial e a demanda de cada comunidade, para dar suporte às atividades já existentes ou criar outras. Assim, 245 famílias são beneficiadas nesse período, localizadas em dez municípios de atuação do Projeto.

Aprovej a caminho

Com a crescente adesão dos grupos, surge a necessidade de uma organização maior, pois a equipe técnica já não consegue acompanhar tudo sozinha.



Transformar: Aprovej



Entre 2005 e 2006 é formada uma equipe de mobilização das comunidades para discutir a possibilidade de criação de uma associação, pois já estavam acontecendo devoluções para o fundo rotativo e era preciso uma entidade legal que pudesse fazer a administração do recurso.

Grupos de trabalho, nos dez municípios envolvidos, são, então, criados para que todos compreendam o processo de formulação de uma associação. Os estudos e questionamentos, realizados durante essa mobilização, culminam na elaboração do Estatuto e, em 2007, é fundada a Associação de Projetos Vencer Juntos, da Diocese de Limoeiro do Norte - Aprovej.

A cada ano, é realizado o Seminário dos projetos de geração de renda, no qual são socializadas as conquistas e definidas as metas da organização para os empreendimentos associados, proporcionando um momento de troca de experiências, de avaliação e de planejamento.

Até 2012, a Associação contabiliza sua atuação em 102 projetos geradores de oportunidades de renda, atendendo mais de 400 famílias só na região Jaguarihana. Todas essas experiências são pautadas pelo princípio a autonomia dos grupos e adotam uma agenda de compromissos, com encontros mensais regulares entre os membros de cada projeto e a cada dois meses com a presença do apoio técnico.

O corpo Diretor da Aprovej é composto por seis pessoas e o Conselho Fiscal é formado por cinco membros. A Assembleia Geral se realizada uma vez ao ano, e a Diretoria reúne-se bimestralmente para analisar e aprovar novos projetos.

Fundo Rotativo **Juntos tudo é possível**

O histórico do Projeto mostra o quanto o Vencer Juntos de Limoeiro do Norte já nasce vocacionado para fomentar um Fundo Rotativo Solidário. Na época, a Pastoral da Criança da Diocese já praticava a experiência de economia solidária, mas sem a devolução dos recursos, pois o Fundo da entidade era com base na doação de cabras para famílias da área rural.

O Fundo Rotativo da Aprovej tem início com financiamentos externos, oriundos do BNDES e MDS. Esses recursos são solicitados pelos grupos para a compra de matéria-prima e equipamentos. Com a renda obtida na comercialização, esses mesmos grupos de produtores devolvem o empréstimo em parcelas, sem juros e dentro de um prazo negociado. Com as devoluções, o Fundo é alimentado e, atualmente, contempla dezenas de outras pessoas. Edvaldo Souza, técnico em geração de renda da Aprovej, destaca o diferencial desse Fundo: “Qualquer associação se forma para buscar algo, porém, nós montamos uma para organizar um Fundo que já existia”, ressalta o historiador.

Segundo Márcia Maria de Freitas, diretora da Aprovej à época do Mapeamento, uma das maiores preocupações corresponde à gestão do Fundo. Além da capacitação interna sobre autogestão, a associação também tenta preparar seus associados para a administração dos recursos coletivos. O Fundo Rotativo agora se divide em duas contas: uma já é da Associação e está sob sua administração; a outra ainda é gerida



da pela Fundação Grupo Esquel Brasil, no entanto, a coordenação do recurso em breve será exclusivamente da Aprovej. O atual valor do Fundo Rotativo gira em torno de R\$118 mil reais, gerados pela contribuição dos 75 empreendimentos acompanhados.

Na fase atual, os principais parceiros da APROVEJ são: Pastoral da Criança; Fundação Grupo Esquel Brasil, por meio de patrocínios e convênios firmados com a PETROBRAS; o Banco do Nordeste (PAPPS) e o SEBRAE nacional. Também são firmadas parcerias locais para mais melhorias nas atividades dos projetos, a exemplo da participação da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, de Aracati, Ceará. E, ainda, um recente projeto de artesanato apoiado pela Caixa Cultural.

Para a presidente da associação, Márcia Maria de Freitas, sem o Fundo Rotativo absolutamente nada teria sido feito: “Sem esse Fundo não seria possível nenhum do projeto ter

sido concretizado. Essas experiências que apoiamos são consideradas de pequeno porte para determinados bancos e linhas de crédito. Não fosse um Fundo como o nosso, com critérios mais solidários e pautados na confiança, dezenas de famílias não teriam melhorado de vida.”

Apoio Técnico

A manutenção técnica é outro aspecto importante para a sustentabilidade da APROVEJ. A experiência e o conhecimento acumulados durante a existência do projeto são fundamentais para a orientação dos grupos produtivos. Após a aprovação de mais um projeto, os técnicos desenvolvem uma formação em gestão, na perspectiva solidária, provocando reflexões e conhecimentos acerca do produto, preço, prestação de contas, comercialização, ganhos etc. Esses(as) técnicos(as) estão à frente da rotina administrativa, partilhando com os demais da diretoria todas as fragilidades que merecem atenção, para que o Fundo esteja sempre passando



por melhorias. Edvaldo Souza, técnico do Projeto, explica todas as funções da assessoria técnica: “A gente faz um trabalho de articulação na comunidade, depois faz um levantamento das atividades já existentes para dar início a fase de implantação do projeto.”

O técnico Edvaldo aponta algumas de suas principais ações:

- orientação na elaboração do projeto;
- acompanhamento na compra de materiais;
- apoio na produção e comercialização (participação dos grupos nas feiras e sua inserção na área de vendas);
- mobilização para estudo de mercado e capacitação em novos produtos.

O principal mecanismo de monitoramento dos grupos está na Folha de Acompanhamento de Geração de Renda (FAGER), que consiste em um documento de registro no qual estão sistematizados os resultados dos grupos produtivos. A maioria das informações é coletada nas visitas que os técnicos fazem aos grupos em seus próprios espaços. Os técnicos também avaliam o livro caixa, despesas, entradas e saídas financeiras. O registro desses dados permite a análise do desenvolvimento do grupo e serve de base para a construção do relatório para os parceiros. Essa é a forma mais transparente dos grupos apresentarem sua evolução produtiva.

Para quem pensa que as mudanças acontecem apenas nas vidas dos empreendedores, a técnica Rosângela da Silva conta um pouco sua vivência na Aprovej: “Aqui é uma família! Já adquiri tanto aprendizado com as experiências que me foram proporcionadas. Depois da associação, consegui entrar no ensino superior e fortalecer meu lado humano. Aqui eu vejo a integração dos grupos, onde um tem muito zelo pelo outro”, revela a jovem.

Muitas são as conquistas, mas os desafios ainda são imensos. Um deles é o diálogo com o poder público. De acordo com o assessor técnico, Claudeirton de Paula, a relação com as instâncias públicas não pode ser esquecida, apesar da autonomia





do projeto ser fundamental. A busca por apoio visa não só a Aprovej, mas os grupos produtivos também: “O convênio com as Secretarias estaduais e municipais, a participação nos fóruns são ações estratégicas para a melhoria no nosso trabalho. Essas parcerias não são um favor ou privilégio e sim um direito legal. Reivindicamos apenas isso.”

Vidas Transformadas

Com seis anos de trabalho, a Aprovej já acumula uma série de resultados satisfatórios, considerando-se o pouco tempo de sua existência. Durante as conversas com empreendedores/as do Vencer Juntos, as mudanças em suas vidas são sempre destacadas, como o aumento da autoestima, as relações com novas pessoas, o aprendizado técnico e o fortalecimento dos valores de solidariedade e humanização. Não são dados quantitativos, mas mostram o quanto a criatividade, aliada ao trabalho, pode gerar resultados imensuráveis.

Outra mudança acontece no âmbito administrativo. Antes, as decisões partiam mais da Fundação Esquel para, em se-

guida, os técnicos executarem o que era demandado. Hoje não, tudo é discutido, consultado e aprovado pela Diretoria da Associação, de forma que todos participam do processo decisório do Vencer Juntos. Outro resultado evidente é a constante melhoria na organização dos grupos para a comercialização, influenciando diretamente na renda familiar, pois com a participação em feiras e eventos regionais novos clientes são conquistados.

Mais de 50% dos participantes do Projeto Vencer Juntos na Diocese de Limoeiro do Norte são mulheres. Elas lideram a coordenação de projetos adeptos da Economia Solidária, acumulando essa responsabilidade com as tarefas do lar.

Conheça essa história - Restaurante Cama, Café - Aracati/CE

Em Aracati, o restaurante de dona Maria da Silva Santos, famosa pelo nome de Menininha, é outro empreendimento fruto do Vencer Juntos. Ao acessar o Fundo Rotativo, o Cama, Café adquiriu a estrutura de restaurante e pousada. A proprietária conta que sempre gostou de co-

zinhar, por isso costumava ser chamada pra fazer a comida dos eventos na região. Várias pessoas também começaram a visitar o local e ficar para dormir.

Com o tempo, o grupo familiar de quatro pessoas sente a necessidade de criar um lugar para atender melhor a demanda existente. Acessaram oito mil reais, para ampliar a estrutura física. Hoje o empreendimento integra a Rede Cearense de Turismo Comunitário - Rede Tucum -, pois atua na perspectiva do turismo sustentável e solidário. Conta Dona Menininha: “Fomos convidados a participar da Rede e nós achamos muito bom, porque ele visa preservar o que a gente tem, nossa cultura e meio ambiente”. Ela aproveita e revela como a rotina da família é transformada com o novo negócio: “Esse investimento mudou nossa casa, porque podemos receber mais pessoas com conforto e sem preocupação. Tudo que colocamos na nossa mesa sai dos nossos quintais, da própria comunidade, o que melhorou não só minha vida, mas a vida de outras pessoas também”, ressalta a agricultora e artesã participante do Projeto.

BUDEGAMA PORQUE BODEGA É COISA DE MULHER



Tudo começa no final de 1998, quando algumas mulheres oriundas de um curso de alfabetização para adultos resolvem trabalhar juntas e reivindicar o direito à casa própria. São aproximadamente 20 mulheres do Conjunto Esperança, que vivem em um terreno não legalizado. A partir desse grupo, o trabalho com as confecções de roupas e outros artigos ca-

minha ao lado da mobilização pela moradia. No sentido de fortalecer essa luta ainda mais, decidem criar a Associação Mulheres em Ação (AMA), fundada em agosto de 1999. Após alguns anos, tornam-se proprietárias legais de suas casas, mas não pararam por aí. Percebem que toda aquela produção coletiva pode se transformar em efetiva fonte de renda.





Confecção de roupas, panos de prato, crochê, fuxicos, bijuterias, artesanatos e produção das famosas bonecas de pano, tudo isso é produzido pelas associadas. Houve uma época em que cada uma trabalhava de forma individual em sua casa, mas, ainda assim, dedicava um dia exclusivamente para a produção coletiva. Em 2005, elas desenvolvem o Projeto de Oficinas Solidárias com o intuito de multiplicar seus saberes manuais para outras pessoas da comunidade. Depois dessa experiência, muitas outras mulheres vêm somando-se à AMA.

A Associação ainda não contava com uma sede. O grupo se

reunia em galpões, nas casas, de forma muito improvisada, dificultando a comercialização. Essa falta de infraestrutura e a crescente demanda levaram a AMA a ter outro sonho: montar uma loja. Após uma oficina de comercialização, em 2007, o grupo resolve transformar o sonho em realidade.

Inicialmente, a loja é instalada na casa de uma delas, onde cada associada contribui com o que pode. Com o decorrer do tempo, o Banco do Nordeste, por meio do PAPPS (Programa de Apoio a Projetos Produtivos Solidários), abre um edital de apoio a Fundos Rotativos Solidários. Em parceria com o grupo Bodega

do Povo, do município de Tanguá, e o Bodega Nordeste Vivo e Solidário, de Aracati, e, ainda, assessoradas pela Cáritas Arquidiocesana e a Cáritas Brasileira Regional / CE (com as quais as mulheres já tinham certa proximidade), essas produtoras resolvem apostar no formato “Bodega” e criam a Budegama, ou seja, Budega da AMA - marcando na grafia do nome nossa sonoridade regional.

Assim, o Projeto Rede Bodegas é elaborado pela AMA e aprovado pelo Banco do Nordeste, de modo a viabilizar a articulação entre essas três experiências de comercialização. Posteriormente, houve a chegada do



grupo Bodega Arco, de Sobral, completando o número de quatro experiências agregadas à Rede. A ideia central do projeto está focada em duas linhas de ação: apoio à infraestrutura e à criação de dois Fundos Rotativos (01 para viabilizar a Produção e outro para a comercialização dos produtos). Com essa iniciativa a Budegama conquista seu espaço próprio de venda.

Na sequência das metas a serem atingidas, sempre prezando pelo caráter de produção coletiva, a Budegama adquire três máquinas de costura industrial e uma doméstica, para aumentar a produção. Por meio de um rodízio, cada mulher faz

um plantão por semana na loja, em algum turno, de modo que nunca falte alguém para atender a clientela. Além da loja, a AMA participa das feiras de economia solidária para incrementar a comercialização de seus produtos.

Fundo Rotativo Investimento em produção

O dinheiro do Fundo pertence à Associação, e as próprias mulheres cuidam da gestão financeira. O recurso é direcionado para mulheres sócias da AMA que tenham interesse em qualificar seu empreendimento ou mesmo criá-lo. O Fundo privile-

gia a produção coletiva, mas há possibilidades de apoio também em modalidades individuais. Para isso, as mulheres interessadas precisam apresentar um projeto de produção para a Associação, que já oferece de antemão um roteiro para sua elaboração. As associadas acessam o Fundo para compra de maquinário, matéria-prima e outras necessidades produtivas.

Luciana Eugênio, integrante da AMA, explica que foi criado um documento para orientar como o empréstimo pode ser realizado e demonstrar que os critérios adotados foram decididos após muitas reuniões: “Discutimos muito essas orientações e, por exemplo, combinamos que uma mulher que acessa três mil reais tem até 15 meses para fazer a devolução sem juros, com a carência de 60 ou 90 dias. Ela que decide. Avaliamos o projeto, vemos se é viável e disponibilizamos um carnê pra facilitar o acompanhamento dessa fase.”

Segundo Luciana, existem outros pequenos projetos de fundo em andamento, um deles está voltado para a comercialização entre as Bodegas, estruturando uma antecipação das vendas: “Nessa articulação, a gente já fazia a experiência de trocar produtos de cada Bodega, para conseguirmos vender não só os nossos, mas de toda a Rede. Já o Fundo é diferente, quando fazemos nossas reuniões bimestrais, cada Bodega leva sua produção para expor. Na hora mesmo, já podemos pagar com o Fundo, os produtos de outras bodegas que queremos, de forma antecipada. Assim, quando nós vendermos na Budegama, o dinheiro volta pro Fundo. Essa é uma forma de fazer o recurso girar mais rápido, para o dinheiro não depender apenas da compra do cliente.”



Para outra associada, Francisca Rodrigues, o Fundo atua como um divisor de águas no trabalho da Budegama: “Acho que o Fundo foi fundamental para nós, ele foi o ponta pé inicial que permitiu que a gente comprasse nossa matéria-prima e que melhorasse nossa produção”, afirma.

Outro aspecto positivo do Fundo é a oportunidade criada para que as mulheres pratiquem a autogestão do empreendimento: “Com o Fundo eu vejo muitas mudanças, não só em mim como nas minhas companheiras. Ele veio provar a nossa capacidade de empreender um negócio e isso, pra nós, foi muito importante”, testemunha Nilza Almeida, outra beneficiada.

As famosas Bonecas de Pano

Não há dúvidas de que o carro-chefe da Budegama é a comercialização das charmosas bonecas de pano. Elas se destacam entre a produção da loja, atraindo a atenção do público adulto e infantil que se encantam com a diversidade de cores e formatos. A primeira boneca surgiu na forma de uma caneta decorada e ganhou popularidade há alguns anos atrás. Logo depois, Ana Maria, uma das mulheres do grupo, repassou para as outras o conhecimento que tinha adquirido em uma oficina de produção de bonecas. De lá para cá, as artesãs aprimoram as técnicas e ousam em criatividade, chegando à confecção de modelos que provocam a reflexão sobre diversas questões sociais.

Um exemplo disso é o lançamento da coleção Vida em Movimento, de 2011, na qual a temática aborda várias dimensões



da vida. Questões sobre o meio ambiente são consideradas durante a própria confecção dessa coleção. Por isso, muitas bonecas possuem os pés de sacolas plásticas e roupas que levam botões de latinhas. Bonecas e bonecos com órgãos sexuais, bonecas grávidas e com cordão umbilical à mostra são algumas das propostas que possuem cunho didático e ajudam a refletir sobre a educação sexual com as crianças. Outro aspecto trabalhado é que a maioria das bonecas é negra, colocando em pauta também as questões de gênero e raça.

Organização que faz a diferença

As artesãs se reúnem duas vezes no mês para planejamento,



informes e encaminhamentos da loja. As pautas envolvem funcionamento, produção, prestação de contas e até convites para viagens em feiras e exposições nacionais. Luciana Eugênia diz não ser nada fácil a organização em coletivo, pois manter um espaço aberto como a Budegama exige muito de todas. Ela explica que quanto mais a loja cresce mais a demanda aumenta: “Nós temos muitas solicitações. São de fóruns, reuniões, feiras, pesquisas, então, são muitas questões que precisamos dar conta, somando tudo isso à gestão financeira da loja, do próprio local, dos Fundos e da produção”, relata.

Com tanto trabalho e engajamento, as relações familiares e sociais das mulheres também passam por mudanças. Dentro de casa, na Igreja e entre elas mesmas é preciso haver muito diálogo para que o tempo de dedicação à Budegama seja negociado. Afinal, todas elas ainda acumulam as tarefas e compromissos do lar.

Quanto aos desafios da organização, o mais apontado pelo grupo é a própria produção coletiva, pois produzir de forma harmoniosa implica um constante exercício democrático, uma vez que as conveniências individuais devem ser consideradas, mas não podem colocar em risco nenhuma fase do processo.

O que é Bodega?

O termo bodega (no Ceará a pronúncia é budegá) é utilizado para identificar um pequeno e popular comércio, onde se vende de tudo em pequenas quantidades, conforme as demandas e condições financeiras do consumidor. O atendimento é um grande diferencial, pois o bodegueiro conhece toda a sua fiel clientela e procura atender a necessidade de todos/as. Na cultura nordestina, a bodega é mais que um estabelecimento comercial, é um ponto de encontro entre os amigos da comunidade.

Rede Bodegas

Na Rede Bodegas existe uma comissão gestora que é composta pela representação de duas pessoas de cada Bodega. As atividades conjuntas são pensadas e planejadas em dois momentos: uma reunião bimestral e um encontro anual. Este último serve também como um meio de articulação para a comercialização dos produtos, as trocas de experiências e de propostas para captação de novos recursos.





Trabalho e Saúde: tem disso tudo na Feira Agroecológica e Solidária de Itapipoca

Todas às quartas-feiras, desde o ano de 2005, a Praça principal de Itapipoca acorda cedinho para receber os(as) agricultores(as) e suas barracas para mais uma Feira Agroecológica da região. Doces, plantas, artesanatos, temperos e medicamentos naturais fazem parte da diversidade de produtos oferecidos na cidade para uma freguesia exigente e fiel. Com o apoio do Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador (CETRA), a Feira torna-se possível para aqueles(as) que perceberam, na experiência coletiva, a chance de adquirir mais autonomia financeira no seu ofício de trabalhadores rurais.

A ideia surge a partir da articulação de agricultores(as) envolvidos no Curso de Formação de Agentes Multiplicadores em Agroecologia, realizado pelo CETRA, em 2004. O grupo que dá continuidade ao debate, mesmo

após o fim do curso, formula um desenho da Feira, cujo objetivo é o de valorizar a prática da agricultura familiar, fortalecer a organização dos grupos produtivos e oportunizar a comercialização dos produtos sob a perspectiva da Economia Solidária. Conforme a proposta, o excedente da produção dos quintais e roçados chegaria até a mesa da cidade, direto das mãos do agricultor, ao mesmo tempo em que eles avançariam na gestão de suas vendas, oferecendo um produto de qualidade. E assim se fez e se faz, transformando ideias em realidade.

Cada feira reúne cerca de 20 produtores diretos. Nas 10 barracas instaladas na praça, além de colocarem seus produtos à venda, esses produtores tentam disseminar a cultura de alimentos saudáveis, sem uso de agrotóxicos e com preços justos. Os produtos comercializados são todos orgânicos e isso é um

fator que faz a diferença para os fregueses: “Sou cliente desde que a feira começou. A gente vê que são produtos de qualidade, sem veneno, que fazem bem à nossa saúde. Por outro lado, a gente colabora também para incentivar ideias como essa, porque sabemos que muitos deles vêm de longe pra cá. Aí, é algo que ganha: eles e a gente que é cliente também”, enfatiza a dona de casa, Letícia Ferreira Bastos.

Quem também comenta essa relação de troca é Carlos Sérgio Veríssimo, técnico do CETRA e responsável pelo acompanhamento do projeto. Segundo ele, já é possível perceber um número de consumidores mais conscientes, após a criação da Feira. Gente que chega cedinho e não perde nenhum dia. Conscientização que não se restringe apenas aos clientes: “Boa parte dos feirantes estão cientes de que estão gerando alimentos de



qualidade para a população. A feira é uma boa estratégia, que discute a segurança alimentar das famílias”, conclui Sérgio.

A Feira pode ter modificado a mesa dos itapipoquenses, mas as mudanças não se comparam àquelas ocorridas na vida dos agricultores. Histórias de luta, de quem tinha um cotidiano difícil em seus quintais produtivos, por ainda não conhecerem, até então, a alternativa da agroecologia. O lucro era pouco e a prática agrícola maltratava o meio ambiente. O senhor Raimundo Patrício Teixeira, de 45 anos, é agricultor desde que se entende por gente e relembra como a experiência trouxe benefícios para ele: “Antes a gente

vendia pro atravessador e perdíamos muito com isso. Com a chegada do CETRA, que nos capacitou com técnicas agroecológicas, tivemos um aumento do plantio e da nossa renda. A gente pensava que a agroecologia não era possível e vimos que, a cada ano, a nossa Feira só vem melhorando, assim como a nossa saúde também.”

Para além da finalidade de comercialização, a Feira também abre espaço para o resgate da cultura popular, por meio da música regional e outros tipos de apresentações típicas da região que animam o evento. Os resultados são muitos: a persistência do grupo em manter a

Feira, apesar dos desafios; a integração entre agricultores(as); a formação de consciência dos(as) feirantes e consumidores, na adoção de alimentos saudáveis; o aumento na renda familiar; a visibilidade e referência da Feira Agroecológica e Solidária no território e no estado; a assiduidade dos consumidores, que compartilham a existência da Feira com outras pessoas conhecidas; e, principalmente, o surgimento de mais duas Feiras Agroecológicas nas proximidades – situadas nos municípios do Trairí e Tururu.



Feira Agroecológica e Solidária

Rede de Agricultores/as Agroecológicos/as – Unidos e mais fortes

Em maio de 2006, mesmo com algumas feiras já realizadas, outros mecanismos que garantissem a sustentabilidade da Feira, bem como o crescimento do cultivo agroecológico, passam a ser necessários. Surge, então, a Rede de Agricultores e Agricultoras Agroecológicos(as), que atualmente conta com cerca de 120 agricultores(as) dos municípios de Trairí, Itapipoca, Irauçuba, Tururu, Apunharés e a região dos Vales do Curu e Aracatiaçu. Essa Rede é composta a partir de grupos produtivos que se identificam com a prática da Agroecologia Solidária. Fazem parte da articulação, atividades produtivas de horticultura, apicultura, avicultura caipira, artesanato, dentre outras.

Para a entrada de novos participantes, é necessária a presença nas reuniões convocadas e, claro, o exercício de manejo sustentável, considerando as questões ambientais, sociais e econômicas. Cada encontro é fundamental para discutir a operacionalização da Feira, funcionando também como espaço para troca de saberes entre os/as agricultores/as. As reuniões são assessoradas pelo CETRA, nas quais o andamento da Feira é medido por um instrumental próprio dos feirantes. Além do compromisso com o evento, a articulação tem como premissa o debate e a reflexão acerca da preservação da agricultura fami-

liar, a vivência das comunidades no contexto do semiárido e a construção coletiva de conhecimento sobre a economia solidária. Todas as orientações para integrar a Rede são encontradas na sua Carta de Princípios, na qual também são apresentados seus valores: organização, compromisso, coragem, otimismo, companheirismo, solidariedade, união, responsabilidade, humildade, participação e criatividade.



A Feira de Itapipoca conta com um time forte de mulheres à frente da coordenação que cuidam da produção e da organização dos produtos até a fase de comercialização. Maria das Graças é uma dessas mulheres. Essa feirante, moradora em Tururu, não tem dúvidas sobre a importância da união dos produtores na superação das dificuldades: “Aqui é uma verdadeira troca de sabores e saberes. Só com organização, procurando participar, é que todos nós, agricultores, podemos mudar nossa realidade.”

Fundo Rotativo Solidário - Mudanças à frente

Paralelamente à Rede, surge o Fundo Rotativo Solidário (FRS), cuja finalidade é o fomento

aos feirantes para os casos de aquisição de equipamentos, empréstimos e emergências para fins de trabalho. O recurso impulsiona mais produtores e consolida a Feira, graças às contribuições de cada integrante. Sérgio explica as vantagens que o FRS traz para os agricultores: “Todos eles tiveram a chance de acessar um crédito fácil, sem burocracia, para começar suas vendas, passando a receber diretamente da mão do cliente. Hoje, são aproximadamente 140 pessoas beneficiadas”.

O Fundo é gerenciado por um Comitê Administrativo da Rede. Inicialmente esse grupo-base discute cada aplicação do recurso para, em seguida, levar ao conhecimento de toda a

Rede, nas assembleias gerais. Só assim o recurso pode ser liberado. Dessa forma, o processo de movimentação financeira se dá de forma transparente e horizontal. Segundo o técnico, fica acordado de forma coletiva quanto cada agricultor pode receber segundo sua necessidade, “e o que volta já contribui para o acesso de outros agricultores”, completa o técnico do CETRA.

O Fundo contempla três linhas de financiamento: projetos de infraestrutura – melhorias nos sistemas familiares de produção; produtivos – desenvolvimento de uma atividade geradora de renda para a família; e especiais – financiamento de atividades que não se encaixam nos exemplos acima.



Alguns números

Até 2010, agricultores(as) de cinco municípios que compõem a Rede e comercializam na Feira obtêm as maiores inserções no Fundo Rotativo. São eles: Trairi (52,8%), Itapipoca (34,4), Apunharés (5,7%), Tururu (3,4%) e Irauçuba (3,4%). Para exemplificar o alcance de atuação da Rede, o assessor do CETRA faz referência ao projeto que chega a receber 200 mil reais em recursos do Banco do Nordeste para acesso a esse tipo de crédito.

No Seminário Estadual de Fundos Solidários do Ceará, realizado no fim de 2012, são apresentados dados que confirmam os bons resultados desse FRS, que recebeu o apoio do Programa de Apoio a Projetos Produtivos Solidários - PAPPS/BNB, para dois projetos destinados a empréstimos divididos em dois volumes: 100 mil reais, em 2009; e R\$ 100 mil reais, em 2011. Em quatro anos de existência, o FRS já realizou 147 operações, beneficiando 134 grupo/famílias, aplicando o valor de 156.251 mil reais, fortalecendo ainda as atividades de mais 07 associações.

Todos esses números podem ser também comprovados na qualidade de vida e trabalho, na rotina dessas pessoas. Veja alguns resultados:

- potencialização dos quintais produtivos e da segurança alimentar;
- realização de novas atividades produtivas;
- fortalecimento da produção agroecológica; dos grupos e associações; das feiras agroecológicas nas comunidades e da rede de agroecologia da região;
- mais geração de renda.

Mesmo com tantas conquistas já alcançadas, ainda há muito que melhorar para que o Fundo Rotativo realmente atinja seu potencial máximo. Podem-se aqui destacar alguns dos principais desafios: o aprimoramento da sistematização de dados/números; mais disponibilidade de recursos para apoiar as demandas apresentadas; a pre-

sença de grupos de jovens interessados no acesso aos recursos; a autonomia das comunidades para organizar e gerir os Fundos Rotativos Locais; maior visibilidade dos trabalhos; o fortalecimento da economia solidária, dos processos de formação e acompanhamento técnico; e o apoio das políticas públicas locais.

Conceito de Fundo Rotativo Solidário

O Fundo Rotativo Solidário consiste em uma forma de organização baseada na solidariedade, na qual famílias e grupos organizados estabelecem relações de empréstimos financeiros ou de materiais de modo que os mesmos, ao fazerem a devolução, permitem que outros

iguais também se beneficiem, acessando os recursos do Fundo. Por isso ele se constitui como rotativo e solidário.





Os voos altos de **Urubu**

O município de Trairí, a 115 km da capital Fortaleza, desde 2005, dispõe de um recanto que se organiza de forma criativa e solidária para a convivência com o semiárido: a comunidade rural de Urubu, localizada a 30 km da sede, reunindo aproximadamente 75 famílias praticantes da agricultura familiar.

O nome da comunidade causa estranhamento à primeira vista. Tal denominação é motivo de chacota pelas redondezas e há moradores que ainda resistem ao uso desse termo por não simpatizarem muito com o mesmo. De acordo com uma moradora, tudo começou por volta da década de 30, quando a região ainda era mata fechada por onde passavam comboieiros e vaqueiros das praias de Trairí, carregando gados e comboios de farinha e goma para o sertão de Irau-

çuba. Entre algumas veredas, havia um alto de pedras com dois pés de cajazeiras, onde esses homens se alimentavam e descansavam da longa viagem. Logo notaram que havia muitos urubus, filhotes e velhos, em cima dessas árvores, e os mais jovens, como é de costume, começaram a apelidar as pessoas dessa localidade de Urubu. Por esse fato, todos começaram a chamar o lugar de Cajazeiras de Urubu. Quando os primeiros habitantes chegaram, deixaram o “cajazeiras” de lado, porque outra comunidade próxima já possuía tal nome, e passaram a chamá-la apenas de Urubu.

Nasce a Associação

Atualmente a região passa por sérios problemas com o poder público por não ser reconhecida como uma região do se-

miárido. O município não é beneficiado com os programas e políticas públicas específicas para o seu contexto.

Até pouco tempo, a espera do período de verão era motivo de muita preocupação para as famílias. Em 2005, exaustos, tamanha a sensação de abandono, os moradores resolvem arregaçar as mangas e construir ações que garantam a sustentabilidade e autonomia da comunidade. Por isso, logo percebem a necessidade de união para o fortalecimento da comunidade. Assim, surge a Associação Comunitária dos Moradores de Urubu – ASCO-MOU.

Naquela época, ainda sem sede, as reuniões aconteciam nas casas de alguns moradores, na Igreja, debaixo de árvores, tudo isso à custa de muito esforço para realizar a mobilização de seus moradores.

Projeto de Cisternas - Onde tudo começou

Tudo começa em agosto de 2009. Vivendo num contexto desfavorável, a população sente que precisa fazer algo para mudar tal realidade: “Chegamos a precisar da visita de carro pipa e, já que a gente não tinha nenhum programa federal desses do semiárido, iniciamos junto com a Cáritas um Fundo Rotativo Solidário para a construção de cisternas”, esclarece Elizângela Braga, primeira presidente da Associação.

A doação começa com o valor de vinte reais mensais de cada uma das dezoito famílias envolvidas. No final desse mesmo ano, recebem uma doação da Diocese de Toledo, situada no Paraná, que se soma às contribuições geradas nas feiras agroecológicas e nos bingos que são promovidos. Com isso, as primeiras quatro cisternas são construídas, já em dezembro.

As famílias beneficiadas continuam pagando suas mensalidades e com isso torna-se possível construir mais cisternas para aqueles que ainda não as têm. Manoel Lito, apelido do senhor Manoel Furtado, de 69 anos, é um dos primeiros contemplados com o projeto de cisternas: “Fui o quarto sorteado, fizemos um mutirão pra construir, trabalhava um dia pra um, outro dia pra outro e desse jeito foi acontecendo. A minha já tem três anos. A gente não se preocupa mais com água como antes. Antigamente precisava ir pra outra comunidade pegar água de um poço. Eu aqui conseguia pegar um pouco, por conta de uns reservatórios que eu tinha, mas que não duravam muito. Depois voltava pra vida sofridora de novo.”, desabafa.

Com o tempo, mais quintais recebem outras cisternas. Hoje

com o Fundo, 24 famílias já possuem seus reservatórios. Seu Manoel Lito, só comemora: “Depois do Fundo, mudou muita coisa pra nós aqui, porque água pra gente beber ninguém tinha. De uns anos pra cá, as caçambas não juntavam mais água suficiente. Depois das cisternas, tem água pra beber o verão todinho. Tudo melhorou.”

De acordo com Conceição Mesquita, integrante da Associação, as mudanças são muitas: “Com o primeiro projeto das cisternas deixamos de ir buscar água longe, que nem de qualidade era. A dificuldade que as pessoas tinham pra pegar água era muito grande, um sofrimento só. Víamos tambor d’água na garupa de bicicleta, em jumento, em moto, carroça, durante quase quatro km. Divulgamos o que era o Fundo Rotativo e começamos com um grupo de 18 pessoas. Direcionamos o Fundo

pra construção de cisternas pra consumo. De 2010 pra cá, mais seis famílias entraram. somamos 24 agora.”

Todas as cisternas são planejadas para construção durante os meses de novembro, dezembro e janeiro, os quais antecedem o inverno. Ao perceber isso, a comunidade resolve fazer o dinheiro girar por meio de empréstimos durante os outros meses, até chegar o fim do ano. Elizângela explica a dinâmica: “O mesmo agricultor que contribui com 20 reais, caso ele precise, poder solicitar duzentos reais para algum conserto, contanto que as parcelas do empréstimo já tenham sido quitadas”. Nesse projeto, o grupo coordenativo é composto por Conceição Batista, presidente da associação, Nacélia Batista e Elizângela Furtado.

Pensando na diversidade de



situações e contextos dos seus moradores, a Associação cria dois tipos de acesso ao recurso, conforme exemplos descritos abaixo:

- **Acesso planejado.** para consertos na casa, cerca no quintal, construção de algum compartimento; a solicitação é encaminhada para a comissão responsável, que leva o pedido para uma reunião com os demais associados, na qual é feito o acordo sobre os valores e as formas de pagamento das parcelas;
- **Acesso emergencial.** para compra de remédios, de gás etc; a solicitação é encaminhada apenas à comissão e a devolução ocorre no prazo de um mês, sem juros.

Dessa forma, não há uma conta, pois o dinheiro gira constantemente. O saldo fica nas mãos de pessoas de confiança

da comunidade, que sempre apresentam algum tipo de prestação de contas, de modo claro, transparente, a fim de não haver equívocos.

Sobre o diálogo com o poder público, Elizângela Braga, atual secretária da ASCOMOU, resalta que as tentativas foram muitas: “A gente já procurou tanto, já fomos tanto atrás que, de certa forma, decidimos caminhar sozinhos. Com essas conquistas já nos sentimos um pouco independentes. É claro que a gente quer a parceria, mas não reivindicamos como antes, porque vimos que temos potencial de caminhar com nossas próprias pernas”, conclui

Casa de sementes - Por que sonhos não têm limites

Pensando em ampliar o desenvolvimento comunitário, surge a ideia de se criar uma Casa de Sementes, iniciativa que trans-

forma de forma significativa a vida de Urubu. Em junho de 2010, a Cáritas Brasileira Regional Ceará escreve o projeto “Sementes de Solidariedade” e participa do edital organizado pelo Banco do Nordeste do Brasil, do já citado PAPPs (Programa de Apoio a Projetos Produtivos). Projeto aprovado, um mutirão é mobilizado para dar início às obras. Cada um colabora como pode. O Sr. Francisco Furtado, mais conhecido como Chico Louro, cede o terreno. O Banco financia o material de construção. As comunidades vizinhas ajudam com mão-de-obra e alimentação dos serventes. A Prefeitura de Trairí entra com apoio para o serviço dos pedreiros. Um mês depois, a Casa de Sementes Juazeiro está criada. O nome é uma homenagem ao pé de Juazeiro que existe no terreno.



Elizângela Braga comenta os avanços comunitários desde a construção da Casa de Sementes: “Aqui tem sido uma coisa fantástica nas nossas vidas. Antes, quando não tinha a casa de sementes, os agricultores precisavam ir atrás das sementes do governo, que demorava e que não chegava no tempo certo, com burocracia, e que ainda não era de qualidade. Hoje tudo é diferente e as sementes são da própria comunidade”.

Com a estrutura física adequada, a Casa também passa a ser espaço de encontro para o grupo de jovens, o atendimento médico e outras atividades de interesse da coletividade.

Além do esforço da população de Urubu, essa realidade é transformada também graças aos parceiros que contribuem nessa empreitada, em especial, a Cáritas Diocesana de Itapipoca. Como relembra José Maria, técnico da instituição e responsável pelo acompanhamento dos projetos da comunidade, “nem tudo é flores”, ao reproduzir as falas comuns no início do projeto: “Ah é só reunião e mais reunião, não vai dar em nada”. E completa com suas próprias palavras: “Depois de uma série de reuniões entre o grupo pequeno, muitos foram chegando e participando. Por isso foram muitos encontros, porque se reuniam pra pensar na vida, nas dificuldades que estavam tendo e como podíamos procurar uma alternativa pra superar essas dificuldades.”

Zé Maria, como é mais conhecido, conta ainda as dificuldades de não se ter um espaço para encontros: “A gente corria pra escola, se tivesse desocupada. Ou corria pra igreja. Lembro que a gente se encontrou uma vez debaixo do pé de um cajuei-

ro e esse espaço aqui se tornou a referência: é da associação, é do grupo de jovens, é a Casa de Sementes, onde a gente partilha não só as sementes, mas partilha outras realidades da vida”, destaca o técnico.

Conceição Mesquita, da ASCOMOU, define em poucas palavras a parceria com a instituição: “A Cáritas foi nossa faculdade, foi um aprendizado fundamental. Quando ela chegou, passamos a visitar outras comunidades e vimos que, assim como deu certo em algumas delas, podia dar certo na nossa também.”

Um dos desafios ainda existentes é o de envolver todas as famílias nos projetos da Associação. Desafio agora facilitado, uma vez que os primeiros resultados motivam uma participação muito maior da comunidade. Zé Maria afirma que há reuniões em que estão presentes duas a três pessoas da mesma casa. Algumas delas são jovens que antes pouco se interessavam pela Associação. Esse é, portanto, outro aspecto positivo: a participação da juventude.

Em alguns territórios não urbanos, existe um processo intenso de migração dos jovens para as grandes cidades, buscando novas oportunidades de emprego e renda. Essa é uma das problemáticas enfrentadas no contexto rural, no qual jovens geralmente não permanecem na região ou não dão continuidade ao ofício dos pais. Em Urubu, essa situação vem sendo trabalhada com a participação deles nas atividades da Associação, a exemplo da Feira Agroecológica, organizada pelos filhos e filhas de agricultores. Há mais de um ano, há uma nova geração que colhe nos quintais de suas casas os alimentos para comercializa-



ção. Tudo orgânico, no sistema Agroecológico, sem uso de agrotóxicos.

Casa de Sementes, passo-a-passo

O processo produtivo na Casa de Sementes começa a partir do momento que o(a) agricultor(a) realiza sua associação. Elizângela rememora passo a passo como tudo aconteceu: “O acordo era cada um trazer cinco litros das sementes que já cultivava. Quem não alcançava essa quantidade, podia trazer o que pudesse. Depois do inverno de 2011, as famílias começaram a pegar as sementes emprestadas e percebemos que deveríamos fazer a devolução com o acréscimo de 10% no início. Isso muda a cada ano, dependendo de como foi o inverno. Quando é bom, eles já trazem uma quantia em dobro do que levou, às vezes. E isso

vem acontecendo mais. Temos recebido invernos difíceis, mas nossas sementes estão aí, ainda, prevalecendo.”

E continua relatando Elizângela: “Nossas sementes mais comuns são as de milho, feijão e arroz. Quando começamos, tínhamos pouca variedade, mas com o decorrer dos anos, conseguimos resgatar algumas sementes típicas da época dos nossos pais e avós. Dessa forma, estamos conseguindo preservar as que já temos e multiplicá-las, mesmo com anos difíceis de inverno, pois, sementes que antes só rendiam um litro, hoje já chegam a muito mais. Temos sementes de fruteiras, hortaliças, até de plantas medicinais - porque a terra aqui é boa, de tudo dá. Planejamos duas reuniões mensais, uma voltada para a entrega/distribuição das sementes e a outra para a devolução.

Na primeira, dividimos a quantidade entre os sócios que comparecem. Eles trocam também entre si, dependendo do interesse que cada um tem entre essa ou aquela semente. Resolvemos tudo de forma coletiva e dialogada, às vezes chegamos a nos reunir semanalmente, por outros assuntos e urgências.”

O agricultor Manoel Lito nem tem dúvidas, quando o assunto é a qualidade das sementes de Urubu: “A diferença das sementes daqui pra aquela que o governo dá é muito grande. A deles é muito miudinha, a do milho só dá pra raposa [risos]. A nossa não, é grande e a raposa não alcança. Ela também vem no tempo errado, quando já tem passado a melhor época pra plantar. Eu pelo menos só peguei do governo uma vez, que nem deu certo plantar por conta disso. Também vi, com o tempo, que eu não precisava de-



las.”, avalia esse associado, que é um dos primeiros moradores da comunidade. Ele planta principalmente feijão e milho. Na entrega das sementes, ele confessa que sempre dá pra ficar com um “bocadinho” em casa. Segundo ele, “porque às vezes aparece alguém que precisa né, aí a gente ajuda”.

Foram escolhidas três pessoas para coordenar esse Fundo: Elizângela, Fernanda Paulo e Almila (Maria Mendes). Três mulheres, não por acaso. Ao todo contamos com 30 sócios que recorrem às sementes, mas já tivemos casos de agricultores não sócios que pediram empréstimo de sementes e que, logo após, se associaram porque sentiram os benefícios em suas vidas. A coordenadora não esconde sua alegria: “O fato de não ver nossos agricultores passarem o dia numa fila, tentando buscar uma semente do governo que não chega no tempo certo, sem qualidade, já é algo maravilhoso.”,

comemora Elizângela.

Sobre a situação da Casa, atualmente, Elizângela diz: “Pegamos invernos ruins. Por isso as safras não têm sido muito boas, mas mesmo assim nos orgulhamos delas, porque já temos a consciência de não usarmos agrotóxicos - elas não têm veneno algum. Sempre tem semente aqui, não falta, mesmo às vezes não sendo a quantidade que gostaríamos.”

Desejos

De acordo com Conceição, a Associação não trabalha considerando metas quantitativas. O desejo de todos, na verdade, é ver as prateleiras da Casa repletas de sementes e ter bons invernos para que uma boa safra venha a atender mais pessoas ainda. Quanto às cisternas, as lideranças anseiam que todas as famílias tenham a sua: “Existe muita demanda, muita gente ainda está de fora”, informa a presidenta.

RIS – Rede de Intercâmbio de Sementes - Rede 3 climas

A Casa de Sementes integra a Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS), que recebeu o nome de “Três Climats” por reunir as experiências dos municípios de Trairi (praia), Itapipoca (serra) e Irauçuba (sertão). A Rede está organizada em torno de 10 experiências de bancos de sementes e, segundo Elizângela Braga, o fato de estarem atuando de forma conjunta tem fortalecido as Casas de Sementes, pois todos os grupos conseguem solucionar suas dúvidas e dificuldades de forma muito mais rápida.

As Casas de Sementes são organizações comunitárias que visam à autossuficiência dos trabalhadores e trabalhadoras rurais no abastecimento de sementes de espécies para a agricultura familiar. Surgiram no Brasil, na década de 1970, por iniciativa da Igreja Católica junto às diversas comunidades de vários estados do nordeste brasileiro.

Presença Feminina

Quem visita pela primeira vez a Associação de Urubu percebe imediatamente a hegemonia feminina nos processos organizativos da comunidade. As mulheres somam mais de 50% de participação na Associação e no acesso aos Fundos Rotativos. Zé Maria acredita numa maior eficiência das atividades, quando a gestão é feminina: “Onde a gente tem uma experiência de Fundo Solidário com mulheres à frente da organização, eu acredito que dê mais certo. Há um zelo maior e o fato de ter um bom grupo de mulheres já atrai outras. A gente prova que esse negócio de semente não é só pra homem, não. Parece que a coisa evolui melhor, se organiza mais.”

